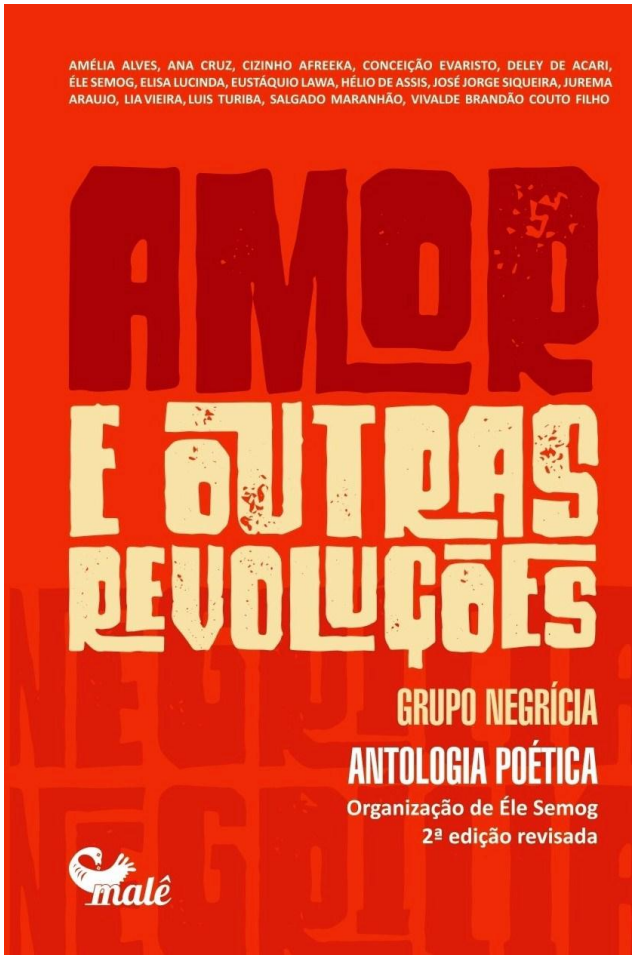
#NegríciaPresente!

Eduardo de Assis Duarte*



A noite é bela,
como as faces
do meu povo.
As estrelas são belas,
como os olhos
do meu povo.
Belo, também,
é o sol,
belas também são
as almas do meu povo.**
"*My people*"
Langston Hughes,
1923

Fundado 1982, no contexto da abertura "lenta, gradual e segura", que marcou o fim da ditadura militar, o coletivo de escritores *Negrícia Poesia e Arte de Crioulo* abrigou em seu seio poetas e ficcionistas empenhados em *tomar a palavra* e interferir na arena discursiva onde se construíam tanto as narrativas do passado, quanto as da futura nação democrática sonhada pelos brasileiros. E o fez encarando a poesia como gesto político: o livro como arma que arma a fala do Outro; e o verso como condutor das figurações do pensamento de afirmação da afrodescendência e aquisição da cidadania plena.

Foram tempos de *Ebulição da escrivatura*, sugestivo título da antologia publicada anos antes pela Civilização Brasileira reunindo "treze poetas impossíveis", entre eles dois aqui presentes, Éle Semog e Salgado Maranhão, organizador da coletânea. Ebulição presente em todo o país, em todas as artes. A cidade das letras negras *made in Rio* se irmana às letras paulistas do *Quilombhoje*, às gaúchas do *Palmares*, e às baianas do *GENS*, entre outras. De norte a sul do país, é toda uma geração a reivindicar e se fazer presente, a refletir e se expressar em consonância com "seu tempo e seu país", como já prescrevera Machado de Assis um século antes. Nesse diálogo, ecoa o passado recente do Teatro Experimental do Negro, de Abdias

** *The night is beautiful,/so the faces of my people./The stars are beautiful,/so the eyes of my people./Beautiful, also, is the Sun./Beautiful, also, are the souls of my people.* Trad. nossa.

Nascimento, a poesia e o teatro de Solano Trindade e de tantos outros precursores, dentro e fora do Brasil.

“Nossos passos vêm de longe” é mantra ainda hoje presente em falas de poetas e ficcionistas afro-brasileiros atuantes nas últimas décadas. Finda a censura ditatorial, amplia-se o debate, e se refaz o acesso ao arquivo da literatura negra produzida no Ocidente. Publicados em 1923, os versos do afro-estadunidense Langston Hughes, citados em epígrafe, ilustram a retomada moderna que consolida uma tradição presente nas Américas desde o século XIX. E mostram o caminho que, a partir da *Renascença do Harlem*, será trilhado pelo fenômeno da Literatura Negra – primeiro movimento literário transnacional iniciado nas Américas e só mais tarde implantado na Europa pelos escritores da *Négritude* francófona dos anos 1930 e seguintes.

A par da linearidade e clareza implícitas aos propósitos que os norteiam, os versos de Hughes recuperam tanto a postura dos escritos diaspóricos dos séculos anteriores, quanto a milenar tradição dos *griots* africanos: a figuração do poeta como *porta-voz*, conhecedor das relações entre *saber* e *poder*, que fala por si e por sua comunidade. Tais versos apontam ainda para o futuro, antecipam o *black is beautiful* dos anos de 1960-70, e anunciam uma tendência que irá se manifestar em praticamente todos os países em que autores negros se puseram a falar *de* e *para* sua gente: afirmação identitária, reconhecimento da multifacetada herança cultural africana, reivindicação de direitos, libelo antirracista.

Os versos do poeta o colocam como ser de seu tempo e de seu lugar. À noite iluminada pelos olhos-estrelas do povo negro se agregam as almas solares, a povoar os espaços da diáspora com os saberes ancestrais trazidos nos tumbeiros. A estes se soma a memória dos antepassados, “cheinhos de inteligência”, como inscreve Solano Trindade, mas ainda marcados pelos ecos das correntes arrastadas. Poesia-presença, a encenar o hoje e pensar o amanhã sem tirar olhos e ouvidos do ontem. Poesia-arquivo, poesia-memória.

Esse intercâmbio entre tempos, espaços e, sobretudo, sentidos marcados pelas falas do negro se mantém vivo na contemporaneidade e concede força e substância ao livro. Passados 37 anos, o Grupo Negrícia se faz presente nessa reunião antológica em que os remanescentes da formação inicial se juntam a companheiras e companheiros de geração, anseios e projetos. E não só temos de volta Semog, Conceição, Lawa, Deley, Hélio e Siqueira. O livro recebe ainda os versos de Elisa Lucinda, Salgado Maranhão, Ana Cruz, Luís Turiba, Amélia Alves, Lia Vieira, Vivande B. Filho, Jurema Araújo e Cizinho Afreeka.

Amor e outras revoluções revela ao leitor a forma múltipla e, talvez por isto mesmo, inquietante, da poesia negra contemporânea. O gesto político se explicita desde as primeiras páginas, em que Amélia Alves exalta a escola como espaço de afirmação. Colocado na abertura da antologia, “Atrás das Borboletas azuis” eleva-se a metáfora de todo o livro, também ele um arquivo revelador de ensinamentos e aprendizagens. O tom se eleva nos versos de Ana Cruz, ao construir uma sarcástica “gratidão sincera”, “ao homem para quem eu e meus nove irmãos / fomos trabalhar, aos sete anos de idade, doze horas por dia, por casa e comida.” E assim prossegue em “Revide”, de Cizinho Afreeka: “Nos quer doces / Dóceis / Quem nos impôs / O lado amargo / Da cana de açúcar”. Ganha contornos de violência sexual em “A Menina e a pipa-borboleta”, de Conceição Evaristo: “E depois, sempre dilacerada, / a menina expulsou de si / uma boneca / ensanguentada / que afundou num banheiro / público qualquer.”

O ímpeto de denúncia e protesto explicita a violência contemporânea sofrida pelos subalternos, como nos textos de Deley de Acari: “Porque amamos a paz / Pensam que tememos a guerra”; e também nos de Éle Semog: “Pois sei que as balas dos patrões, / que as balas dos políticos, da polícia / correm atrás de mim sem-terra, / correm atrás de mim sem-teto, / correm atrás das minhas razões”. A indignação toma a forma de libelo acusatório em “Quem mandou matar Marielle”, de Luiz Turiba: “são tropas / comandos / são quadrilhas / são milícias / polícias / sem treliças”. Prossegue com força em “Arrastão”, de Hélio de Assis: “Ontem / Arrastavam correntes / Hoje descontentes / Arrastam gentes”. Passa também pelo poderoso verbo poético de Salgado Maranhão: “e de blues e urublues / ouço a moenda / dos novos senhores de escravos / com suas fezes de ouro / com seus corações de escarro”; para desaguar nas inscrições metapoéticas de Eustáquio Lawa: “Os quilombos de hoje em dia / Não têm bairro ou geografia / E estão por toda parte / Na Prosa e na Poesia”.

A entonação quilombista se faz presente também entre as poetas atentas à intersecção de etnicidade e gênero, como nos versos já clássicos de Elisa Lucinda: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio / nada disso se cura trepando com uma escura!”. Ou na escrita também indignada de Jurema Araújo: “Eu, a porca, gesto burros e porcos / para puxarem as carroças dos nossos donos. / Você, burro, fecunda-me [...] lembre-se que você é um burro / e dê graças ao senhor!”. E ainda na explosão poético-retórica de Lia Vieira: “MEU VERDUGO GOZA. / Meus olhos marejam em suprema humilhação”, aos quais se segue o emblema feminista transmutado em poesia: “Aborto … um direito só meu”.

Assim, *Amor e outras revoluções* faz jus ao nome de batismo. O amor aqui presente é também polimórfico, cheio de desvãos e pontos fora da curva canônica. Em “Poema de amor sobre a vida inteira de cada pessoa”, Éle Semog faz o sentimento surgir com “vieses de alegria”, para em seguida, torná-lo “obsceno em sua fúria”. Já Deley de Acary se desdobra em versos carinhosos: “Cuidando d’ocê / Eu cuido d’eu! / Ocê deix’eu / Cuida d’ocê / É seu jeito / De cuida d’eu!”, para mais tarde inscrever uma tocante declaração sobre o amor que constrói a masculinidade não-tóxica em “Sem você ainda somos a espera, com você somos a esperança”.

Com efeito, ao reunir a poesia de quinze vozes negras contemporâneas, *Amor e outras revoluções* demonstra o vigor criativo do Grupo Negrícia e da escrita afro-brasileira contemporânea, como bem sintetizam os versos de Salgado Maranhão: “aceito o temporal – redemoinho / de pedras: tanto degrau... tanta esgrima... / e ao ter somente a voz como caminho / agarro a poesia pela crina / e me arrimo na minha própria rima.” São, portanto, vozes e falas conectadas, que vêm de longe, sem deixar de serem sujeitos-testemunhas de seu tempo e de seu país.

Belo horizonte, Julho de 2019

Referência

SEMOG, Éle (Org.). *Amor e outras revoluções, Grupo Negrícia:* antologia poética. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

*****
Eduardo de Assis Duarte é professor da Faculdade de Letras da UFMG e Coordenador do **literafro** – Portal da Literatura Afro-Brasileira, disponível no endereço: www.letras.ufmg.br/literafro**.** Organizou, entre outros, *Machado de Assis afrodescendente – escritos de caramujo* (3ª ed., 2019), a coleção *Literatura e Afrodescendência no Brasil – antologia crítica* (4 vol., 2011), e os volumes didáticos *Literatura afro-brasileira – 100 autores do século XVIII ao XXI* (2014) e *Literatura afro-brasileira – abordagens na sala de aula* (2014).